



FACULDADE
ALFREDO NASSER

4º SEMINÁRIO
Pesquisar

Desafiando o preconceito: convivendo com as diferenças

Ana Flávia Crispim Lima

Luan Frederico Paiva da Silva

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

anaflavia17012010@hotmail.com

luan_frederico@yahoo.com

<http://lattes.cnpq.br/3089309301316802>

<http://lattes.cnpq.br/4229064386387583>

RESUMO:

Quem não se incomoda com os padrões estéticos reproduzidos o tempo todo em todos os lugares? Muita gente não se encaixa neles e não se enxerga nos corpos das modelos e celebridades, tratados como objetivo universal. Infelizmente, poucas pessoas fazem desse incômodo combustível para tentar mudar a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade; Conceito; Estereótipo; Estética; Educação.

1. INTRODUÇÃO:

Desde a chegada dos portugueses na Terra de Vera Cruz, no Brasil, pôde-se notar que índios que aqui habitavam já se preocupavam com a estética corporal. Tintas e enfeites eram usados de forma a se embelezar e distanciar espíritos maus. Hoje, ainda vemos uma semelhança por essa busca que se tornou incessante, a atingir o ideal padrão estético social.

Cada vez mais, homens e mulheres denominados "perfeitos" são os símbolos de busca de indivíduos que procuram se assemelhar a eles. Isso ocorre devido a um modelo imposto pela mídia que remete à Grécia Antiga, onde um indivíduo belo era sinônimo de uma mente brilhante.

Entretanto, esta desenfreada busca vem acarretando sérios problemas de saúde, onde pessoas por meio cirúrgico buscam uma melhora corporal e hoje, sofrem com os efeitos exagerados, os mesmos cometidos na prática. Não só, o Brasil se tornou o primeiro no ranking de cirurgias plásticas do mundo, quando em 1994 com a entrada do Plano Real e a estabilização da economia, proporcionou o poder de consumo da sociedade.

Por todas estas ideias apresentadas, nota-se que a sociedade carece de uma reflexão sobre esse padrão imposto, que pode ser feito pela própria mídia, alterando suas matrizes e colocando diferentes estilos para a melhora da autoestima dos "divergentes" sociais. Além disso, as escolas podem ser o berço de uma nova ditadura de beleza, por meio de projetos que garantam a equidade de gêneros, etnias e feições; Dessa forma, o Brasil poderá ser referência em cultura e educação.

2. METODOLOGIA:

Decidimos, além de análises e comparações de especialistas na área, utilizarmos da pesquisa oral. Pesquisando 100 pessoas de lugares e culturas diferentes. Um debate atual nos despertou a necessidade de essas entrevistas com três eixos. O primeiro público alvo foi composto de adolescentes e jovens, entre 13 e 20 anos. Um questionário composto de perguntas relacionadas à influência do estereótipo no meio social. A segunda pesquisa, fundamenta-se em buscar se (pesquisando entre professores e estudantes de Licenciatura, tanto do ensino público, quando privado, instituições acadêmicas ou escolares) estão incentivando a convivência com as diferenças e a quebra dos estereótipos no

ambiente de formação. Já a terceira pesquisa busca saber como os pais estão ensinando os seus filhos a desafiar os preconceitos do outro, e de maneira geral, traçar um “perfil” de pessoa idealizada esteticamente.

3. RESULTADOS:

Através dessa pesquisa, podemos notar o avanço, de certa forma, na mentalidade dos jovens brasileiros quanto às diversidades culturais, e que a aceitação do “outro” está sendo cada vez mais inserida em nosso ambiente social. No entanto, esse processo precisa dar grandes avanços. Cabe aos professores abordar esse tema dentro da sala de aula, como forma de incentivar o aluno a quebrar as barreiras desse preconceito e em contrapartida, esses jovens irão inserir essa mentalidade de aceitação em seu ambiente familiar, gerando, em longo prazo, uma convivência mais saudável na nossa sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A discussão sobre possibilidades de uma educação cuja natureza seja o respeito à diversidade sociocultural, nos garantiu notar, desse modo, o convívio construtivo na diferença, através do diálogo e do respeito mútuo, tem sido priorizada em vários segmentos. Nesse campo, consideramos que focar a questão do estereótipo permite tratar dessa temática de modo abrangente, pois, através de sua conceituação, poderemos mostrar que a carga negativa de preconceitos e pré-juízos que ele em geral carrega, condicionando comportamentos de repúdio ao outro, é passada muitas vezes de geração a geração, até mesmo sem que nos demos conta disso. Por outro lado, permite também que a reflexão perpassa a questão da estética. Possibilitou, ainda, uma outra leitura dos meios de comunicação nos mostrando até que ponto é a utilização de estereótipos que facilita a presença dos meios de comunicação em nosso cotidiano, operando no sentido da manutenção dessa visão cristalizada e influenciando-nos.

REFERÊNCIAS:

LIPPMANN, Walter. **Estereótipos**. In: STEINBERG, Charles S. (org.). **Meios de comunicação de massa**.

Trad. Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972

BOSI, Eclea. **A opinião e o estereótipo. Contexto**. São Paulo: Hucitec, n.2. mar. 1977.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual 1 Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997

CABECINHAS, R. (2002) Media, etnocentrismo e estereótipos sociais. In As Ciências da Comunicação na Viragem do Século. Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação. Lisboa: Vega (pp. 407-418).

Educação como exercício de diversidade. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. 476 p. – (Coleção educação para todos; 6).

JOFFILY, R. *O jornalismo e produção de moda*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.

BARTHES, R. *Sistema da moda*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979

VANOYE, F. (1987). *Usos da Linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

BAUDOT, François. *Moda do século*. São Paulo: Cosac e Naify, 2000.

GONÇALVES, M. A. S. *Pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papyrus, 1994.

MERLEAU, P. M. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 1980.

SILVA, I. R.; GÜNTHER, I. A. *Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 16, n. 1, p. 31-40, 2000.